

TRADUÇÃO

A BIBLIOTECA DE SPINOZA *

NOURRISSON **

TRADUÇÃO DE GIONATAN CARLOS PACHECO ***

Seria um estranho engano acreditar que os gênios, mesmo dotados da originalidade mais poderosa, não devem nada a seus antecessores e que, sem nunca ter consultado os monumentos do passado, eles tiraram todas as suas ideias de recursos próprios. Descartes, no entanto, excelente em invenção, afetado, é verdade, de ignorar de certa forma até mesmo que existissem homens. Por outro lado, seu biógrafo Baillet garante que ele constantemente tinha em mãos duas obras: a Bíblia e São Tomás. E, sabemos, que quando um cavalheiro que pediu para ver sua biblioteca, a única de Egmont, ele afastou uma cortina que cobria peças de anatomia, e disse: “Eis os meus livros!”. Disso se seguiria, todavia, que Descartes teria se contentado em ler a si mesmo, ou o grande livro da natureza e do mundo? Certamente que não. Seus contendores e críticos, Huet encabeçando, incorreram no erro imperdoável de censurá-lo por ter dissimulado suas muitas leituras, e são como difamadores ao elaborar uma lista do que chamaram de “pilhagem”. Seria tão injusto quanto ridículo brandir contra Descartes acusações de plágio. No entanto, o antigo aluno de La Flèche, embora sua ciência não tivesse nada de “livresco”, certamente tirou grande vantagem, não só das lições de seus mestres, mas de suas próprias leituras, o que, com efeito, é fácil de ver, especialmente em sua correspondência, nas referências explícitas e repetidas. Ele próprio escreveu com excelência: “A leitura de todos os bons livros é como uma conversação com os homens mais honestos de séculos passados que foram os seus autores, e até mesmo uma conversa erudita, na qual descobrimos o melhor de seus pensamentos”¹. Certamente, não se conheceu, no século XVII, erudito mais universal do que Leibniz e, ao mesmo tempo, quem mais fingiu ser em tudo o seu único mestre, αυτοδίδακτος, [autodidata]. Este “maravilhoso Saxão”, como o chamou Boinebourg, nenhum ensinamento recebeu dos livros? Tal declaração teria parecido uma blasfêmia estúpida a um erudito incomparável que, ainda criança, vagava prazerosamente pela biblioteca de seu pai, quando foi finalmente aberta a ele, e que, desde então, se aplicou a nada mais do que demonstrar como as ideias antigas e as modernas são perpetuadas em uma filosofia de fluxo ininterrupto, *perennis quadam philosophia*. Portanto, remover de Leibniz essa biblioteca em Hanover, que ele ao longo de anos eles organizou e continuou a enriquecer², é

* Publicado originalmente: *La bibliothèque de Spinoza*. **Revue des Deux Mondes**, Paris, v. 112, n. 4. p. 811-833, out, 1892.

** Jean-Felix Nourrisson (1825 - 1899).

*** É discente do Doutorado em Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Possui graduação em Filosofia (2012-2016) e mestrado (2017-2019) pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Metafísica e Filosofia Moderna.

1 *Discurso do Método*, 1ª parte.

2 *Essais de théodicée*, etc., por Leibniz, acrescida pela história da vida e pelas obras do autor, pelo Chevalier de Jaucourt, Amsterdã, 1747, 2 vols. em 12, t. Eu p. 232. “Leibniz havia formado uma biblioteca muito bela, da qual (em sua morte) o príncipe se contentou com o direito, que há no eleitorado hanoveriano, de ficar com um terço do que o estrangeiro possuía. Além disso, sua biblioteca era tão confundível com a do rei que dificilmente se distinguia os livros de um e de outro”.

retirar deste Anteu, se assim posso dizer, a terra na qual pisa, onde suas forças se conservam e o seu vigor renova.

O caso não poderia ser outro sobre Spinoza. E, de fato, é geralmente admitido o quanto ele pegou emprestado, ora da filosofia hebraica, ora da filosofia cartesiana. Além disso, ao estudar seus escritos, especialmente suas cartas, é possível descobrir facilmente frequentes traços de suas leituras. Mas, quais eram exatamente os livros que Spinoza havia lido, e quais ele leu mais, seja para converter ideias em sua própria substância e incorporá-las à sua doutrina, seja para procurar instrumentalmente os conhecimentos que lhe faltava? Completamente entregue às especulações mais elevadas, nunca se entregou a leituras para o simples deleite da mente? Enfim, quaisquer que fossem, os trabalhos que Spinoza usara formaram, estritamente falando, uma biblioteca que lhe pertencia? Não deveria parecer improvável que suas meditações tivessem composto uma? E, de qualquer forma, não deveria ser considerado absolutamente ocioso indagar como ela poderia ter sido? Não seria, de fato, colocar ao bel prazer uma pergunta insolúvel?

No entanto, contra todas as expectativas, esse problema se encontra hoje resolvido, e uma publicação recente veio esclarecer todas as obscuridades, dissipando todas as dúvidas. É intitulada: *Inventário dos livros que formam a biblioteca de Benedict Spinoza, publicado a partir de um documento inédito, com notas biográficas e bibliográficas e uma introdução por A.-J. Servaas van Rooijen, arquivista de Haia, e notas de cunho de Dr. David Kaufmann, professor em Budapeste*³. Devemos a Servaas saber que Spinoza realmente tinha uma biblioteca e, graças à sagacidade penetrante do erudito holandês e suas laboriosas investigações, possuímos agora o autêntico catálogo de livros que foram reunidos para o uso próprio do famoso autor de *Ética*. Mas se esse é o principal resultado, não é o único que Servaas obteve como recompensa por seus esforços. Enquanto examinava os arquivos, pesquisando nas bibliotecas públicas de Haia, Amsterdã e Utrecht, examinando muitos arquivos e até minutas de notário e minutas de leiloeiros, Servaas teve a boa sorte que mereceu e descobriu obras que, em mais de um ponto, completam ou retificam as principais biografias de Spinoza, que são a *Vida de Spinoza*⁴, atribuída ao médico Lucas, de Haia, seu contemporâneo e amigo, também aquela que, logo após a morte de Spinoza, escreveu Jean Colerus, ministro da igreja luterana de Haia: *Vida de B. de Spinoza, extraído dos escritos deste famoso filósofo e do testemunho de várias pessoas dignas fé que o conheceram particularmente*⁵; e, finalmente, as páginas dedicadas a ele por Sébastien Kortholt em seu livro *Trois imposteurs [Três impostores], De tribus impostoribus magnis liber* (que são Herbert de Cherbury, Thomas Hobbes e o próprio Spinoza), às quais Christian Kortholt acrescentou novas informações no prefácio da segunda edição do livro de seu pai⁶.

I

Foi em 21 de fevereiro de 1677 com pouco mais de quarenta e quatro anos, morreu em Haia, Baruch Despinoza, cujo nome, por sucessivas modificações, foi alterado para Baruch d'Espinoza, e finalmente Benedict de Spinoza; ao nome judaico de Baruch, Spinoza substituiu, como frequentemente acontecia a seus correligionários, um nome cristão, o de Bento [Benedict] ou Benoit. Spinoza morreu quase inesperadamente na modesta casa que, por cerca de cinco anos,

3 La Haye, 1888, petit in-4°; W.-C. Tengeler. [*Inventaire des livres formant la bibliothèque de Bénédicte Spinoza, publié d'après un document inédit, avec des notes biographiques et bibliographiques et une introduction ^ par A.-J. Servaas van Rooijen, archiviste de La Haye, et des notes de la main de M. le Dr. David Kaufmann, professeur à Budapest*].

4 Amsterdam, 1719, in-8°. [*la Vie de Spinoza*]

5 La Haye, 1706, in-12. Esta biografia apareceu pela primeira vez em holandês. Utrecht, 1698. [*la Vie de B. de Spinoza, tirée des écrits de ce fameux philosophe et du témoignage de plusieurs personnes dignes de foi qui Vont particulièrement connu*].

6 Hambourg, 1701, in-4°.

alugou no Pavilionengracht, em casa do Sr. Van der Spyck, pintor de retratos, e talvez também, segundo Servaas, pintor de edifícios, homem de uma probidade reconhecida, com o qual nosso filósofo mantinha tratamento muito familiar. “De uma constituição muito fraca, doentia, magra e atacada de tísica por mais de vinte anos”⁷, Spinoza só precisou da extrema frugalidade e do regime severo que ele se impôs para conseguir prolongar seus dias. Por outro lado, parece que ele sozinho governava sua saúde. Pois foi apenas nas últimas, e sem dúvida avisado por sintomas alarmantes, que ele decidiu trazer seu amigo, o médico Louis Meyer, de Amsterdã. Este chegou bem a tempo de vê-lo, no mesmo dia, seguir prescrições inúteis e, de repente, dar o último suspiro. Era domingo. Seu anfitrião, que de manhã iniciou uma conversa a qual prometeu continuar, mas que interrompeu para ir ao sermão; ao voltar da igreja, seu convidado teve a surpresa angustiante de saber que ele acabara de falecer. Quanto a Meyer, Colerus relata que “naquela mesma tarde, retornou a Amsterdã no barco da noite sem preocupar-se o mínimo que fosse pelo defunto”⁸. Colerus nem temeu observar que Meyer se “absteve de cumprir com esse dever tanto mais rapidamente quanto que depois da morte de Spinoza se havia apoderado de um ducado de prata e um pouco de dinheiro que o defunto havia deixado sobre a mesa, assim como de um punhal de cabo de prata, e se retirou com seu butim”. Tirando o dinheiro, não seria mais uma lembrança e uma relíquia que Meyer havia recebido ou que achava que poderia se apropriar? Ou, como imputar furto ao homem distinto e dedicado a quem Spinoza tratava como um excelente amigo, *amicus singularis*, com quem mantinha constantemente uma correspondência tão frequente e íntima, e que sempre é encontrado à primeira vista classificado entre aqueles que assumem a tarefa de defender sua doutrina e publicar seus escritos? De qualquer forma, Spinoza morreu, tudo o que restava proceder com o enterro. E isso teria sido feito sem demora, se um farmacêutico, chamado Schroder, não se opusesse, querendo antes ser pago por alguns medicamentos que ele havia fornecido ao filósofo durante sua última enfermidade. Sua memória, que somava 16 florins e 2 sous, foi quitada por Spyck, e foi possível retornar a Spinoza e seus últimos deveres. Seu funeral foi no dia 25 de fevereiro e, segundo Colerus, foi honrado. “O corpo foi sepultado”, diz ele, “acompanhado por muitas pessoas ilustres e seguido por seis carroças. Ao retorno do enterro, que se fez na nova igreja junto ao rio Spuy, os amigos particulares ou vizinhos foram regalados com várias garrafas de vinho, segundo o costume do país, na casa do hospedeiro do defunto”.

No entanto, permanece um detalhe triste, sobre o qual Colerus não falou e que Servaas nos revela com a mais dolorosa precisão. Spinoza, aquele pensador, a quem muitas pessoas reverenciavam como um semideus e o consultavam como um oráculo, aquele inovador ousado que já havia enchido a Europa com o som de sua reputação, aquele homem a quem, passados duzentos anos, e apesar dos anátemas em que sua doutrina havia incorrido, foi até necessário, em nome do mundo erudito, erguer solenemente em Haia uma estátua⁹, o amigo de Jean de Witt, foi fatalmente jogado em uma espécie de vala comum. “Pesquisando em um dos livros funerários”, escreve Servaas, “encontrei sob o número 162, uma vala alugada no qual Spinoza foi enterrado em 25 de fevereiro”. No dia 20, esse poço já havia recebido um cadáver; no dia 25, dois cadáveres haviam precedido o de Spinoza e, alguns dias depois, três outros cadáveres lá o seguiram. No final de um curto período de tempo, todos esses restos miseráveis tiveram que ser exumados para dar espaço a recém-chegados e, na vala comum onde seus ossos estavam reunidos, nada veio a distinguir e marcar, dentro dessa poeira, o menor vestígio do que fora Spinoza.

⁷ Cf. Colerus.

⁸ Usamos aqui a tradução de Fragoso, disponível em <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>>. (acesso: 16/10/2019).

⁹ Ver o eloquente discurso pronunciado, durante esta solenidade, ao 12 de Fevereiro de 1877, pelo Sr. Renan.

Onde, então, nos perguntamos, e o que estavam fazendo seus muitos discípulos a essa altura? E, especialmente, como explicar a indiferença da família de Spinoza? Spinoza, de fato, ainda tinha uma família.

II

Devemos nos apressar em reconhecê-lo. Durante sua vida, como após sua morte, os discípulos de Spinoza testemunharam a ele, a seu modo, um apego invariável. Em vida, após esforçarem-se, mas em vão, para fazê-lo aceitar uma existência confortável, eles contribuíram pelo menos para a publicação de suas primeiras composições. Da mesma forma, após sua morte, eles se contentaram em garantir a Spyck as despesas fúnebres de seu hóspede (porque com Spyck eles deviam se precaver), foi com cuidado religioso que se preocuparam, assim que perderam o mestre, em imprimir suas obras póstumas. Foi o médico Louis Meyer que se comprometeu a apresentar ao público, em um prefácio elogioso, o primeira escrito da pena de Spinoza, esta *Exposição* muito pouco lida dos *Princípios de Descartes*¹⁰, que haviam sido de fato, para o jovem professor, uma oportunidade de separar, com certo brilho, daquele que então era considerado seu inspirador, e reivindicar, não sem um acento altivo, sua própria originalidade. O *Apêndice* que termina o volume é realmente um manifesto verdadeiro, e traz com todas as letras escrito o nome: *Benedictus de Spinoza Amstelodamensis*. Também foram seus amigos que, presumivelmente, o apoiaram na publicação que ele próprio fez em 1670 de seu *Tractatus theologico-politicus*, mas desta vez buscando as mais minuciosas precauções, embora as mais ilusórias, para garantir o anonimato¹¹. O que é indubitável é que foram eles que empreenderam, e sem dúvida às suas próprias custas, a edição das obras póstumas.

Sabíamos por Colerus, que lhe contou o próprio Spyck, que este, pela ordem que Spinoza o havia deixado, imediatamente após sua morte foi enviado a Amsterdã, a Jean Rieuwerts, editor da cidade, uma escrivanhinha na qual estavam contidos os papéis do falecido. Em uma carta enviada em 25 de março de 1677 a Spyck, Rieuwerts admite ter recebido a escrivanhinha em questão e, ao fim, acrescenta “que os pais de Spinoza gostariam de saber a quem ela fora endereçado, porque imaginavam que ela estava cheia de dinheiro, e eles não deixaram de se informar com os barqueiros a quem ela fora confiada. “Mas,” diz ele, “como não mantemos os registros de pacotes de Haia que são enviados para cá pelo barco, não vejo como eles podem ser esclarecidos, e é melhor que não eles não saibam nada”.

Rieuwerts, que já havia impresso em 1663 a primeira obra de Spinoza, provavelmente também foi o editor das obras póstumas que apareceram em 1677, sem o nome de lugar nem de editor, simplesmente com as iniciais B.D.S., iniciais que se encontram ao redor de um pensamento do sinete pessoal de Spinoza, no qual se lê esse expressivo e característico mote: *Caute*, cautela. Eles foram precedidos por um prefácio que havia sido escrito em holandês por um dos discípulos mais zelosos de Spinoza, Jarig Jelles, e que Louis Meyer traduziu para o latim. Além disso, dois tratados que permaneceram inacabados: o *Tractatus politicus* e o *de Emendatione intellectus*, e ao mesmo tempo um *Compêndio de gramática hebraica* e, infelizmente, um número reduzido de cartas, e incluíram o famoso livro da *Ética*, já concluído há mais de cinco anos, no qual o autor expusera, à maneira dos geômetras, sua doutrina definitiva, mas que não ousara publicar abertamente. Pois as

10 *Renati Des Cartes Principiorum philosophiæ pars i et ii, more geometrico démonstratæ per Benedictum de Spinoza Amstelodamensem. Accesserunt ejusdem Cogitata metaphysica, etc., Amstelodami, apud Johannem Riewerts, 1663, petit in-4º.*

11 Este tratado, sem nome do autor, traz a menção: *Hamburgi, apud Henricum Kunrath*, embora tenha sido impresso em Amsterdã e, aparentemente, por Rieuwerts.

tempestades acumuladas em sua cabeça pelo *Tractatus theologico-politicus* o haviam intimidado e também o boato de que seus oponentes tinham o prazer de lhe credenciar, insinuando que neste novo trabalho Spinoza pretendia provar que não existe Deus. Desde então, felizes coincidências permitiram encontrar outros escritos de Spinoza, que provavelmente não estavam contidos na escrivaninha. Assim, em 1862, o Sr. J. Van Vloten publicou, além dos trabalhos de Spinoza¹², novas informações bibliográficas e fragmentos interessantes de sua correspondência, dois tratados dos quais apenas os títulos eram conhecidos e que se acreditavam perdidos para sempre, um Tratado sobre o arco-íris, *de Iride*, e especialmente o curto, mas importante, *Breve Tratado sobre Deus o homem e seu bem-estar*, um esboço da Ética que Spinoza havia expressamente composto para seus discípulos e que, quase imediatamente, para facilitar a difusão, havia sido traduzido do latim para a língua vulgar. Se observarmos, por um lado, que este tratado também inclui um capítulo *de Diabolo*, que foi apontado por Murr em suas *Annotationes*, e Mylius em sua *Biblioteca dos anônimos*, e, por outro lado, que a apologia escrita em espanhol por Spinoza, para justificar-se por ter abandonado a sinagoga, presumivelmente, assim como o próprio Bayle conjectura¹³, passa a substância do *Tractatus theologico-politicus*, segue-se que, exceto por uma tradução do *Antigo Testamento* para o flamengo, que, pouco antes de sua morte, o próprio Spinoza jogou no fogo, podemos comemorar por possuir toda a obra do filósofo de Haia. Portanto, é justo observar que foram seus discípulos e seus amigos que, em suma, ergueram esse monumento, o mais durável e o melhor, glorificando seu nome, imortalizando sua memória. Em nenhum momento eles pensaram em erigir outro. De certa forma, eles haviam coletado todo o espírito de Spinoza: o que importava para eles era o que importava para o mestre deles, o destino de um corpo considerado em si mesmo é “como uma coisa do nada [*néant*]?”.

III

A família de Spinoza, por razões totalmente outras, não teve mais cuidado de garantir aos seus restos um asilo honroso. Consistia em duas irmãs, Rebecca e Miriam, a última casada com um judeu português, Samuel Caceris, e mãe de um filho chamado Daniel. A separação pública de Spinoza de seus correligionários e também os conflitos de interesse que, após a morte de seu pai, ele teve que sustentar com suas irmãs, aparentemente haviam relaxado muito, se não rompido seus laços de parentesco. No entanto, se não ocorreu a sua família que ela teria o dever de preservar suas cinzas da profanação, ela teve o cuidado de não negligenciar o legado que ele poderia ter deixado para trás. Mal ouviram que Spinoza havia expirado (o envio de sua escrivaninha de pronto os tocou singularmente), que Rebecca Spinoza e Daniel Caceris, a irmã e o sobrinho, correram para Haia e, com todo a rigor que se poderia esperar, e ganância, além disso, tristemente humana, não tinham nada mais urgente do que obter dos escrivães uma espécie de remessa em posse. A ganância deles prostrou-se desapontada.

Quando Leibniz morreu, sua sucessão, ao que parece, não chegou a menos de sessenta mil coroas, uma fortuna certamente considerável para a época. Isso não foi tudo. Além disso, em seu quarto, segundo o biógrafo, o cavaleiro de Jaucourt, foi encontrada uma grande quantia em dinheiro que ele havia escondido; seriam dois ou três anos de sua renda. “A descoberta deste último tesouro”, diz Jaucourt, “foi funesta para a esposa do único herdeiro de Leibniz, Sr. Loefflerus, filho de sua irmã uterina e pastor de uma vila perto de Leipzig. Esta mulher, ao ver esse dinheiro que caindo em suas mãos, ficou tão tomada pelo prazer que morreu subitamente”. E Jaucourt

12 *Ad Benedicti de Spinoza opera quae supersunt omnia, Supplementum, Amstelodami*, 1862, in-12.

13 *Dicionário filosófico*, verbete Spinoza.

acha que deve ser sentenciosamente notado e, com grande reforço de citações, estabelecido que “não devemos imaginar que ela seja a única pessoa no mundo, que a alegria, por assim dizer, foi sufocada”. Rebecca e Daniel eles não estavam expostos a esse perigo.

Kortholt, que não hesita em afirmar, “que Spinoza era excessivamente ganancioso por glória a tal ponto que ambicionou a ser despedaçado, como foram seus amigos de Witt, desde que ele adquirisse com isso, ao preço de uma curta existência, uma fama imperecível”; Kortholt confessa, por outro lado, que o filósofo não tinha sede de ouro, *auro plane non inhiabat*. Colerus, por sua vez, nos ensinou que com aquela frugalidade parcimoniosa, tanto pelo gosto quanto pelo cálculo e pelo regime, viveu Spinoza, quão bem ele era um bom administrador e, levando em consideração todas as suas despesas, teve muito cuidado em ajustar exatamente suas contas todos os trimestres¹⁴. O próprio Spinoza gostava de repetir aos seus convidados “que ele era como a serpente que forma um círculo com a cauda na boca, para assinalar que não lhe restava nada do que tinha ganho durante o ano”. Ele acrescentou “que não era sua intenção nada acumular além do que seria necessário para ser enterrado com alguma conveniência”. É claro que, se ele consentisse em receber, na íntegra, a pensão que lhe fora legada de Jean de Witt, ou as recompensas que um de seus discípulos, Simon de Vries, gostaria de lhe entregar, Spinoza se veria em muito boa hora forte ao largo. Mas seu desinteresse era absoluto, e certamente ele não saberia ser jamais como um professor de escola contemporâneo, exigindo um orçamento imperioso de seus adeptos. Ele insistia, acima de tudo, em não viver à custa dos outros, e estava ansioso por não dever nada a ninguém, senão a si mesmo.

Foi nesse pensamento, mais do que em conformidade com os preceitos da legislação judaica, que ele aprendeu o ofício de polidor de lentes para óculos, microscópios e telescópios. Uma profissão da qual ele logo fez uma arte, à qual acrescentou a arte do desenho, a qual o levou ao estudo dos problemas mais delicados e eruditos da óptica. No entanto, esse trabalho era uma espécie de sustento, e não, como por exemplo, para Rousseau era seu trabalho de copista musical, uma ocupação sobretudo de fachada. Além disso, ele estava acostumado a dizer que “como seus pais não lhe deixaram nada, seus parentes e seus herdeiros não deviam aguardar beneficiar-se muito com sua sucessão”. De fato, Rebeca e Daniel foram rápidos em ver como essa sucessão foi reduzida. Dinheiro, não havia necessidade de procurá-lo. Louis Meyer não tirara o último ducado? Restavam os móveis, dos quais, no mesmo dia da morte de seu hóspede, Spyck, como homem sábio, havia, na presença de testemunhas, feito uma declaração autenticada pelo notário Van den Hove. “Inventário de bens e móveis deixados pelo falecido Benedict Spinoza, nascido em Amsterdã, que morreu hoje na casa do Senhor Henri van Spyck, tudo em conformidade com a declaração do Sr. Spyck”. Os selos foram então afixados na sala que continha os móveis inventariados. Agora, assim que eles verificaram a nomenclatura, os herdeiros de Spinoza apressaram-se em desaparecer, para nunca mais voltar. Não foi com a maior graciosidade do mundo que eles abandonaram a Spyck os espólios de seu anfitrião e os reconhecerem aos seus cuidados.

Mas esses espólios foram o ordenado natural do proprietário, e este último, que pagou as dívidas de Spinoza, e especialmente as despesas de seu funeral, exigiu, antes de tudo, que fosse reembolsado por seus adiantamentos. Rebecca “antes de pagar ela quis ver claro e saber se, as dívidas e encargos pagos, lhe restaria alguma coisa da sucessão de seu irmão”. Por sua conta e

14 “Descobriu-se”, escreve Colerus, “que ele viveu um dia inteiro com uma sopa ao leite preparada com manteiga, que lhe custou três soldos e uma vasilha de cerveja de um soldo e meio; um outro dia, não comeu mais do que farinha de cereal preparada com passas e manteiga, e este prato lhe custou quatro soldos e meio. Nessas mesmas contas não se faz menção a mais do que duas meia-pintas de vinho, quando muito por mês”.

risco, Spyck teve que proceder a liquidação. Por conseguinte, em sua moção, em 2 de março, os selos foram levantados, e o mesmo notário Van den Hove elaborou um segundo inventário “da propriedade e dos móveis abandonados pelo falecido Benedict de Spinoza, nascido em Amsterdã, que morreu em 21 de fevereiro de 1677, na casa do Sr. Spyck, residente em Haia, tudo de acordo com o que estava na casa do referido Spyck”. Acima de tudo, o que é de extrema importância aqui é que esse segundo inventário incluiu os livros, como já apontados pelo primeiro. Mas, desta vez, esses livros não são mais simplesmente mencionados em bloco. Todos os volumes são listados separadamente neste segundo inventário, e cada obra é objeto de um artigo separado.

IV

Spyck, no entanto, achava que não precisava descartar os móveis imediatamente, e foi somente depois de duas intimações legais inutilmente endereçadas em 30 de março e 12 de setembro de 1677 aos herdeiros de Spinoza para pagar a propriedade, ele decidiu vender os espólios do ilustre falecido. A *Gazette de Harlem* de 2 de novembro anunciou esta venda nos seguintes termos: “Propõe-se vender publicamente na próxima quinta-feira, 4 de novembro, às nove da manhã, na casa do Sr. Hendrick van der Spyck, pintor, em Pavilionensgracht, em frente ao Dubelet Straat, ao maior e último lance, os móveis deixados pelo falecido Sr. Benedict de Spinoza, livros, manuscritos, lentes de aumento, lupas, entre outros vidros polidos e vários instrumentos para polir vidros, entre outros moinhos e grandes e pequenas placas de metal, etc”. A venda foi efetivamente realizada no local e nas datas indicadas, como atesta o relatório do leiloeiro Pieter de Graeff. “Em 4 de novembro de 1677, a pedido do Sr. Hendrick van der Spyck, neste caso autorizado pela justiça de Haia, para vender os móveis deixados pelo falecido Benedict de Spinoza, na casa do falecido em Burgwal; a quantia foi de 430 florins e 13 sous¹⁵. Despesas deduzidas, a quantia era de apenas aproximadamente 392. O preço desta venda sendo registrado, Rebecca parou por aí; mas tendo-se convencido de “que após o pagamento dos gastos e encargos restaria pouca coisa ou nada, ela desiste de sua oposição e de todas suas pretensões”. Uma herança realmente miserável, sobre a qual Colerus poderia escrever, “Basta passar os olhos sobre esta conta, para julgar no mesmo instante que se trata do inventário de um verdadeiro filósofo”. E acrescentou: “encontre-se alguns pequenos livros, algumas gravuras ou estampas, alguns pedaços de lente polidas, os instrumentos para as polirem, etc”.

Então, coisa singular! Colerus, que tinha a conta das vendas à sua frente, e que tomou as minúcias para informar os preços de alguns dos objetos vendidos¹⁶, Colerus não menciona os livros que compunham a biblioteca Spinoza e que o próprio *Gazette de Harlem* havia anunciado. Servaas parece surpreso com isso, e a princípio estamos surpresos com ele.

Colerus não é, de fato, um biógrafo comum. Embora por convicção e por estado ele se declare hostil de todas as maneiras às doutrinas de Spinoza, ele não pode deixar de sentir um verdadeiro afeto por sua pessoa, e é, em última análise, por simpatia que ele se comprometeu a escrever a vida do homem que chama de “esse homem infeliz”. Essa simpatia se estende até a tudo que toca Spinoza. É assim que se ouve parabenizá-lo por morar no Veerkay, na casa da viúva Van Velden, exatamente o mesmo quarto que ocupara desde sua instalação em Haia, o autor

15 Cf. Servaas, obra citada.

16 “Um casaco de camelo e um calção foram vendidos a vinte e um florins e quatorze soldos; um outro casaco cinza, doze florins e quatorze soldos; quatro lençóis, seis florins e oito soldos; sete camisas, nove florins e seis soldos; uma cama e um travesseiro, quinze florins; dezenove colarinhos, um florim e onze soldos; cinco lenços, doze soldos; duas cortinas vermelhas, uma colcha e um pequeno cobertor de cama, seis florins; sua ourivesaria consistia em duas vasilhas de prata, que foram vendidas a dois florins”.

do *Tractatus theologico-politicus*. Do mesmo modo, ele se felicita por ter “em sua posse um livro inteiro de retratos que Spinoza havia feito de pessoas ilustres”, e é com uma notável complacência que ele descreve aquilo em que o filósofo se representou sob o traje de um pescador napolitano, que ele acredita ser Masaniello. Como, então, se pode explicar que ele não diga uma palavra sobre os livros deixados por Spinoza e que, ao que parece, deveria ter sido mais caro para ele do que gravuras ou desenhos? Servaas supõe que, lançando um olhar distraído para o inventário, Colerus tenha estupidamente confundido os livros com os folhetos em que talvez tenha apostado que contivessem apenas notas de pequenas despesas. Suposição livre e, se pensarmos, completamente inadmissível! Servaas, de fato, não percebe que, se Colerus viu a conta de vendas, não se segue que nem o primeiro nem o segundo inventário, que é qualquer outra coisa, passaram diante de seus olhos.

E mais. O próprio Servaas acha que os livros certamente foram vendidos em Amsterdã pelo livreiro Rieuwerts. Nesta hipótese (e aparentemente não é uma hipótese simples), como alguém pode se surpreender com o silêncio de Colerus, que parece estar apenas ciente da venda em Haia? E sobre esse assunto, alguns pontos de interrogação exigem respostas precisas. Por que e como os livros do inventário foram suprimidos da venda feita em Haia? Para com os livros, assim como para os manuscritos, Spycck havia sido encarregado por Spinoza de uma espécie de confiança? Mas então, como estavam esses livros no inventário onde os manuscritos não aparecem, embora livros e manuscritos também sejam mencionados pela *Gazette de Harlem*? Se esses livros, mesmo que fossem vendidos e estivessem em Amsterdã, não o foram publicamente, e o preço desta venda, aumentando a herança de Spinoza, não se tornaria, para a irmã Rebecca, o objeto de uma nova e finalmente frutífera apreensão? Ou, se foram clandestinamente, como explicar ou qualificar esse processo? Há muitos detalhes que demandam esclarecimentos. Servaas sequer pensou neles.

Seja como que for, o que permanece constante é que Spinoza possuía livros e que esses livros formavam uma parte totalmente distinta do inventário definitivo elaborado pelo notário Van den Hoven e que Servaas nos dá transcritos integralmente; este inventário especial que termina com estas palavras: *Vijf Paccetjes, cinco pacotes pequenos*. São esses cinco pequenos pacotes que, talvez deixados em Haia sem valor, teriam sido, segundo Servaas, tomados por Colerus como os livros de Spinoza!

Não precisamos nos deter na primeira parte do inventário, cujos vários artigos estão incluídos sob o nome de *Objetos de lã e linho*. “*Objetos de lã*: primeiro uma cama, um travesseiro; duas almofadas; duas cobertas, uma branca e uma vermelha; duas cortinas, uma aba e uma colcha; um casaco turco preto; um casaco turco de cor; um pano em tecido colorido com uma camisola de couro; calções fechados em tecido colorido; um hábito turco preto e calções turcos pretos; um vestido velho de sarja; um par de meias pretas; dois chapéus pretos; uma manga preta com um par de luvas; dois pares de sapatos, preto e cinza; uma velha bolsa de noite feita de material listrado, com um boné com capuz. – *Linho*: dois pares de lençóis; seis fronhas; dois pacotes de roupas íntimas; sete camisas, dezenove batas e outra de gola; dez pares de punhos; quatro lenços de algodão e um lenço xadrez; catorze pares de chinelos de linho e um par; uma gravata de algodão com dois colarinhos; duas toalhas usadas”. É suficiente observarmos que, se esse guarda-roupa não era muito rico, e apesar de Colerus relatar que “no que diz respeito às suas roupas, Spinoza era descuidado”, seu outro biógrafo, o médico Lucas, no entanto, estava suficientemente autorizado a escrever, pelo contrário, que Spinoza era extremamente limpo e nunca saía, a menos que suas roupas mostrassem o que geralmente distingue um homem honesto de um pedante. Não apenas

o filósofo não deixou de ter, ao mesmo tempo que algumas roupas de cama, roupas adequadas à sua condição; mas quem teria imaginado que Spinoza, como os elegantes do tempo, usava mangas? Depois do linho veio a designação dos livros; mas Servaas nos adverte que, devido à grande importância dessa parte do inventário, ele prefere nomear antes os móveis. A última parte do inventário é realmente dedicada ao que é chamado de *Marcenaria (Boiserie)*. Ora, queremos saber no que consistia essa marcenaria? Ela era: “uma pequena mesa feita de carvalho; outra mesinha de carvalho e três pés; duas pequenas mesas quadradas de madeira de abeto, cada uma com uma gaveta; um baú preto; um armário de livros de madeira de abeto com cinco prateleiras; um baú velho; um pequeno jogo de xadrez amarrado em uma sacola; um moedor e instrumentos, com algumas lentes de aumento, mas em mau estado, dentre os quais uma em bom estado, com uma pequena quantidade de tubos de vidro e estanho. – *Quadros*: uma cabeça em uma moldura preta¹⁷; *item* um funil de medida. – *Objetos de prata*: um par de fivelas de prata; um pingente de letreiro em uma chave de ferro”. Tais eram os móveis que mobiliaram essa câmara modesta, na qual Spinoza recebeu, por sua vez, os primeiros do Estado, estrangeiros de distinção como Hénault e sábios como Leibniz; neste quarto onde, ao amanhecer, ele era visto sentado em sua bancada e, onde à noite, sob a luz de uma lâmpada, ele continuava por muitas horas seus estudos e suas sublimes meditações, perdendo-se como em êxtase no “Ser único, infinito, do ser, que é todo o ser, e nada sem Ele pode ser nem ser concebido”¹⁸. Se Pascal estava certo ao afirmar que “toda a infelicidade dos homens vem de uma coisa, que não é saber descansar em um quarto”, Spinoza era certamente o mais feliz dos homens. Insensível a todas as delícias de Haia, às agradáveis sombras que cercam esta cidade encantadora, às severas belezas do mar que se desenrola em ondas quase às suas portas, às vezes o permitia passar três meses sem pôr os pés fora de sua casa. “Essa vida oculta não impediu”, disse Bayle, “o roubo de seu nome e reputação”.

Analisar, no segundo e último inventário, a lista dos móveis, certamente pouco magníficos, pertencentes ao filósofo e sobre os quais, estranha particularidade!, Não há assento de nenhum tipo, é impossível não ser atingido antes de tudo pela menção de uma “estante de livros de abeto com cinco andares”. O primeiro inventário mencionou expressamente “um armário no qual existem vários livros”. Ora, não havia menos de cento e sessenta. Era evidentemente a biblioteca de Spinoza.

V

Nada é mais incompleto, mais incorreto e mostra precipitação mais lamentável do que o catálogo elaborado por Rieuwerts dos volumes que compõem a biblioteca de Spinoza. Na maioria das vezes, Rieuwerts apenas indica e abrevia os títulos dos livros, sem adicionar os nomes dos editores, ou mesmo por vezes sem indicar o local e a data das edições. Servaas, portanto, sensatamente considerou indispensável suprir todas essas insuficiências e, em um trabalho paciente parece, em geral, ter conseguido multiplicar as informações. Isso não é tudo. O método de classificação de Rieuwerts foi extraordinariamente grosseiro, e diz-se que ele foi, de fato, menos um livreiro do que um empacotador. Simplesmente divide os cento e sessenta volumes em quatro grupos: vinte e quatro in-fólio, cinquenta e seis in-quarto, trinta e nove *in-octavo*, quarenta e um *in-doze*, e é de acordo com esta gradação de formatos, sem levar em conta a natureza dos assuntos, que ele procede a mais sucinta enumeração. Certamente estamos autorizados a seguir uma ordem

17 Servaas supõe que essa cabeça possa muito bem ser o retrato de Spinoza e a mesma imagem que agora pertence à jovem rainha dos Países Baixos.

18 *Ética*, I, p. 15: *Quidquid est, in Deo est, et nihil sine Deo esse neque concipi potest.*

mais racional, apresentando esses volumes, pois, além disso, é de uso corrente, organizar em concordância com a própria ordem dos assuntos que neles são tratados. Considerados deste ponto de vista, eles se reduzem a oito tópicos principais: 1º filologia; 2º Escrituras e comentários; 3º filosofia; 4º filologia e medicina; 5º física, matemática e astronomia; 6º política e história; 7º poesia; 8º romances e viagens.

Além do alemão, o flamenco e o português, que eram suas línguas naturais, Spinoza também dominava o espanhol, o italiano e o hebraico e, para se familiarizar com todas essas línguas, nunca deixou de falar nelas e de empenhar-se em aperfeiçoá-las. Isso é atestado pelos inúmeros dicionários e livros de gramática que ele havia adquirido: *Aquinatis dictionarium ebræo-chaldæo-talmudico-rabbinicum*, Lutet., 1629; *Dictionarium rabbinicum*; *Sepher Dieduck, grammatica hebraica*; *Buxtorfii Thesaurus grammaticus linguæ hebraicæ*; *Munsteri grammatica Ebraica*; *Tesoro de la lengua Castellana*, 1611, Madrid; *Franciosini Vocabulario Ital. et Spagn.*; *El Criticon*, vol. 3; *Raetken Spaens. grammatica*; *Dictionarium, Lat. Gall. Hispan.*, 1599, Bruxelles. Foi, portanto, como um verdadeiro filólogo, que Espinosa praticou a maioria das línguas da Europa, e ele próprio, como dissemos, não havia composto um compêndio da gramática hebraica? Contudo, e em boa hora, Spinoza não ignorou o quão prejudicial era para ele não conhecer grego nem latim. E foi para aprender isso que ele se colocou sob a disciplina daquele estranho aventureiro chamado Van den Enden, o qual pereceria na França de modo trágico como resultado da ridícula conspiração tecida pelo Chevalier de Rohan, e que compartilhava com sua filha Claire-Marie o cuidado de instruir seus alunos. Spinoza confidenciou ingenuamente: essa jovem, por seus talentos e graças à mente, mais do que por sua beleza, havia produzido em seu coração uma impressão profunda, e ele declarou que pretendia desposá-la. Infelizmente, ele foi deposto por um rival mais rico, chamado Kerkerinck, a quem, mais tarde, e depois de se converter do luteranismo ao catolicismo, Claire-Marie concedeu sua mão. Foi o único romance que passou pela vida do filósofo.

A parte disso, os ensinamentos que recebeu de Van den Enden foram proveitosos para Spinoza. Na verdade, parece que ele obteve um conhecimento completo do grego, e ele próprio o admitiu modestamente. Pois, no momento de examinar os livros do Novo Testamento pelo mesmo método aplicado aos do Antigo (e a exegese alemã contemporânea é apenas uma reprodução tardia de todo esse método), ele se desculpa por várias razões, e em particular porque não é, diz ele, suficientemente versado na língua grega para ousar realizar uma tarefa tão difícil¹⁹. Quanto ao latim, pelo contrário, ele o dominou completamente, e é nessa língua especialmente que ele se corresponderá com seus amigos e publicará suas obras. Além disso, é preciso apenas consultar a biblioteca dele para assegurar-se que o latim era uma língua que ele sempre gostou de cultivar. Assim, encontramos, entre outros volumes, os seguintes livros: *Lexicon Scapulæ græco-latinum*, 1652, Lugd.; *Vossius, de Arte grammatica*, Amstel., 1635; *Lexicon Schrevelii græco-latinum e latino-græcum*, 1654; *Dictionarium Lat. Belg.*; *Rhenii tyrocinium linguæ græcæ*; *Vossii institutiones linguæ græcæ*; *Schiopperi grammatica philosophica latina*; *Vossii rudimenta linguæ græcæ*; *Calepinus, Dictionarium novem linguarum*. Se considerarmos apenas o título de um último volume intitulado *Dialogues françois*, mas cujo assunto permanece mal definido, poder-se-ia pensar que Spinoza havia se iniciado em nossa língua. No entanto, é necessário notar isso? não era como um filólogo puro que Spinoza estudava línguas e apenas para as línguas em si mesmas. As línguas eram, acima de tudo, instrumentos para ele, por meio dos quais ele procurava penetrar nos arcanos mais secretos do pensamento. É por isso que, como a religião era sua principal preocupação, é preciso

¹⁹ *Tractatus thologico-politicus*, cap. X.

esperar encontrar infalivelmente as *Escrituras* entre seus livros. E, de fato, sua biblioteca contém várias cópias e em várias línguas: *Buxtorfii Biblia, cum Tiberiade; Tremellii Novum Testamentum cum interpretatione Syriaca, typis ebr.*, 1659; *Biblia en lengua espagnola; Nathanis Concordantiæ Ebraicæ; Pagnini Biblia*, 1541; *Biblia Ebr. cum comment; Biblia Junii et Tremellii*.

Por outro lado, não eram apenas os textos que o audacioso autor do *Tractatus theologico-politicus* podia manter, convencido de que era “aquilo que, conforme nos conformamos aos sentimentos e ao alcance do povo, quando a Escritura foi produzida pela primeira vez, é da liberdade de cada um explicá-la de acordo com sua iluminação e ajustá-la aos seus próprios sentimentos”. Daí a abundância de comentários contidos na biblioteca de Spinoza: *Moris Nebochim, Venetiis; Rabb. (Rambam, Rabbi)*, traduzido do árabe para o hebraico; *Precationes Paschalis Rabb., id est Haggada; Pignorii Mensa Isiaca, Amstel.*, 1669; *Sandii Nucleus, Hist. Eccles.*, 1676, Col. *cum tractatu de Script. Vet. Eccles.*; *l'Empereur, Clavis talmudica, hebraice et latine; Præadamita*, 1655; *Sepher Tabuith Haical, Tableau du Temple; Explicatio v lib. Moses*; Máximas de Mischna e Talmud, em hebraico; os *Novos pontos de vista*, em hebraico; *Pereirus in Daniele*, 1602, *Lugd.*; *Wolzogen de Scripturarum interprete; Velthusius de usu rationis in theologia; Joseph del Medico, abscondita sapientia; Ben Israel, Esperança de Israel; Obra devota de La cuna; Calvini Institutiones hisp.; Grotius, de Satisfactione; Dom. Johannis a Bononia de predestinatione*.

Voltaire, que geralmente trata Spinoza com mais delicadeza e que até alimenta uma ternura velada a Spinoza, Voltaire às vezes também o chama de “um mau judeu”. A verdade é que, na grande ira da sinagoga, da qual ele era a esperança, e que em vão, por promessas de dinheiro, por vezes ameaças, se esforçou por preservar o ainda jovem Spinoza. Tendo deixado de ser judeu, por esse motivo, ele não entrou em nenhuma das muitas comunhões cristãs no meio das quais viveu, e cuja influência não deixa de se fazer notar não apenas em suas máximas, mas até mesmo nas próprias expressões que ele usa. Ele não era judeu nem cristão, nem admitiu ser cartesiano ou averroísta, então o que era Spinoza? Nada, senão spinozista. Sim, com orgulho incomensurável, nas ruínas de todas as filosofias e de todas as religiões, foi apenas o spinozismo que ele propôs estabelecer. E, no entanto, não era sua doutrina, sem dúvida, a de qualquer outra palavra que pudesse ter sido dita: *prolem sine matre creatam*. Pois, na inspeção das obras que ele prefere ler, está claro o quão profundamente ele teve que penetrar profundamente nas ideias judaicas, cristãs e cartesianas. De qualquer forma, foi à filosofia que o discípulo do rabino Morteira teve que acabar por se dedicar inteiramente. “Ele abandonou a Teologia”, escreveu Colerus, “para fixar-se inteiramente na Física. Refletiu muito tempo sobre a opção que faria por um mestre cujos escritos lhe pudessem servir de guia em seu projeto. Mas enfim, as obras de Descartes caem em suas mãos, as quais leu com avidez; e em seguida, frequentemente declarou que tirou de lá, o conhecimento que tinha em Filosofia. Ele estava encantado com a máxima de Descartes, que estabelecia que não se deve jamais nada receber como verdadeiro que não tenha sido anteriormente provado por boas e sólidas razões”.

Muitas vezes dissertamos e podemos escrever novos volumes sobre a relação entre Descartes e Spinoza. Assim como as *Escrituras* lhe emprestou suas ideias sobre Deus, mas distorcendo as palavras de um São Paulo ou um São João, para ser inspirado por comentaristas como Maimônides (por causa do dogma da criação, ele substitui uma doutrina de emanção ou processão); do mesmo modo, é de Descartes, mas alterando-os, que Spinoza delineia a maioria de seus princípios. Por isso, Leibniz achou que estava justificado em declarar “que era uma mistura de cabala e cartesianismo e, enfim, seus princípios corrompidos dos quais formou seu dogma monstruoso” ou ainda “que

Spinoza não fez mais do que cultivar certas sementes de Descartes, e que começa onde Descartes termina, no naturalismo, *in naturalismo*". De tudo o que se pensa dessas apreciações de Leibniz, não se pode contestar: que embora Spinoza tenha feito, desde o início, como sua questão de honra se separar de Descartes (por exemplo, ele observa com vivacidade, em sua correspondência com Oldenburg, o que ele considera como erros de Descartes), foram as obras de Descartes que abriram os olhos tanto dele, quanto os de Leibniz. Além disso, as obras de Descartes, em seu texto em latim e algumas até traduzidas para o holandês, ocupam em sua biblioteca, até mesmo repetidas, um lugar considerável: *Descartes Brieven*; *Descartes Proeven*; *Renati Descartes de prima philosophia*; *Renati Descartes de geometria*; *Renati Descartes de philosophia prima*; outra cópia; *Descartes, de Geometria*; outra cópia; *Descartes opera philosophica*, 1650; *Descartes, de Homine*. Além dos tratados de Descartes, são adicionados tratados de cartesianos: *Claubergii Defensio cartesiana* (em holandês); *Claubergii Logica*; *Kekkermanni Logica*, e detalhes curiosos! *Logique ou l'art de penser* (de Port-Royal); o que tenderia a confirmar-nos a opinião de que Spinoza não ignorou completamente nossa língua [no caso, o francês]. Além de Descartes, Spinoza também reprova Bacon e mostra pouca estima pelo método do filósofo inglês, que, segundo ele, só pode levar a uma pequena história da mente, *historiola animae*. Encontram-se ao menos, entre seus livros, os *Essais moraux* do Chancelier, *Verulamii Sermones fideles, ethici, politici, oeconomici*.

Teria Spinoza, então, se limitado a um certo número de filósofos modernos de maneira mais ou menos restrita, e toda a antiguidade teria permanecido completamente indiferente e desconhecida? Com o soberbo intelecto que o caracteriza, Spinoza não hesita em declarar que Sócrates, Aristóteles e Platão não possuem para ele grande autoridade, *non multum apud me auctoritas Platonis, Aristotelis ac Socratis valet*. E, no entanto, ao estudá-lo de perto, observamos que ele não deixa de tomar desses filósofos os mais importantes empréstimos. Assim, seria a teoria do conhecimento o que desempenha um papel essencial em sua filosofia? Ela parece literalmente retirada do livro VII da *República* de Platão. Spinoza, no começo de seu *Tratado da Emenda do Intelecto*, descreve os falsos bens para mostrar a vanidade do que os homens geralmente perseguem? Isso se diria de páginas precisamente traduzidas do livro I da *Ética a Nicômacos*. De fato, nem Platão nem Aristóteles lhe eram desconhecidos. Sua biblioteca inclui a *Retórica*, a *Poética*, a *Política* e a *Ética* de Aristóteles, *Aristoteles*, 1548, 2 vols., e se não vemos um único escrito de Platão, há um Santo Agostinho, onde Platão aparece de certa forma: *Epitome Augustini operum omnium*, 1539. Na biblioteca de Spinoza, a parte da antiguidade é bastante pobre, e não temos mais, para concluirmos com os antigos, do que transcrever os títulos de três volumes, todos relacionados à moralidade: *Brieven van Seneca*; *Senecae epistolae*; *Epicteti Enchiridion cum Tab. Cebetis cum Wolfii anot.* Antes de esgotarmos o que diz respeito à filosofia propriamente dita, mencionaremos outras duas obras, que Spinoza não recebeu em por entre seus livros, embora sejam, ou talvez até porque sejam, dirigidas contra ele. Estas são duas refutações ao *Tractatus theologico-politicus*, ou melhor, duas violentas diatribes, uma de Blijenbergh, um de seus discípulos que se tornou seu oponente mais feroz: *Tegen Tract. theol. polit.*; o outro, assinado por Reynier de Mansvelt, professor em Utrecht e sucessor de Voetius: *Adversus anonymum Theologo-Politicum*.

Embora ele mantivesse tudo a volta da moral, e em sua dissertação sobre a natureza e o destino do homem, ele ficou muito perto de considerar o homem como uma mente pura, Spinoza não deixa de considerar os corpos em geral e o corpo humano em particular como os objetos de estudo mais interessantes. Descartes comparou a filosofia a “uma árvore, que tem a metafísica por raízes, a física de tronco e cujos galhos, que saem deste tronco, são todas as outras ciências,

reduzidas a três principais: medicina, mecânica e moralidade”²⁰. De sua parte, em sua *Emenda do intelecto*, Spinoza professa que temos que, “além disso, dedicar-nos à Filosofia Moral, bem como à Doutrina da Educação dos meninos; e porque a saúde não deixa de ser um meio importante para conseguir esse fim, é mister estudar todas as partes da Medicina; e, ainda, como pela arte se tornam fáceis muitas coisas que são difíceis, podendo nós por ela ganhar muito tempo e muita comodidade da vida, não se deve desprezar de modo algum a Mecânica”²¹. Isso é como reproduzir textualmente Descartes. Não é de surpreender, depois disso, que a biblioteca do filósofo da Ética, juntamente com os tratados sobre moralidade, incluísse um número suficiente de obras de fisiologia e anatomia: *Nicotius*, 1613, *Francof. Aphorismos Hippocratis; Hippocratis* 2 vols., 1554; *Veslingii Syntagma anatomicum, Patavii*, 1647; *Riolani Anatomica, Paris*, 1626; *Kerckingii Spicilegium anatomicum*, 1670; *Kerkring in currum triumphalem antimonii* (o Sr. Servaas acredita que esse Kerkring é o mesmo que o antigo rival de Spinoza); *Bartolini Anatomia*, 1651; *Tulpia Observationes medicae*, 1672; *Velthusius de liene et generatione; Stenonis Observationes anatomicæ; Pharmacopœa Amstelodamensis*.

Ao ler esta lista, certamente se pensará: não era apenas o conhecimento teórico que Spinoza tinha procurado em tais obras, mas também indubitavelmente indicações úteis para o cuidado de sua própria saúde. Pode-se dizer também: é, em grande parte, através da prática de seu trabalho de cortador e polidor de vidros, que pouco a pouco ele se engajou em amáveis, mas difíceis, estudos que revelam os livros de física, de matemática e astronomia que ele acumulou. Esses livros também não explicam sua acentuada preferência por manifestações à maneira dos geômetras, *more geometrico?* – *Elementa physica; Euclides; Diophanti Alexandrini Arithmetorum libri 6, Paris*, 1621, gr. lat.; *Longomontani Astronomia Danica cum appendice de stellis novis e cometis*, 1640, *Amstel.*; *Vieta, Opera mathematica, Lugd. Batav.*, 1646; *Hugenii Zulichemii horologium oscillatorium, Paris*, 1673; *Sphæra Johannis de Sacrobosco; Schooten Exercitationes mathematicæ; Een Rabbinsch Matematisch Boeck; Snelii Tiphys Batavus; Gregorii Optica promota, Lond.*, 1663; *Schooten Principia matheseos univers.*, 1651; *Stenon de Solido, Florentiæ*, 1669; *Algebra door Kinckhuysen*; outro tratado sobre álgebra e geometria do mesmo estudioso; *Lansbergii Comm. in motum terræ, Middelb.*, 1630; *Lansbergii Cyclometria nova; Lansbergii Progymnasmata atronomiæ restituiæ; Lansbergii Apologia pro Lansbergio; Scheiner Refractiones cœlestes; Wouter Verstrap arithmetica; Bartholini Dioristica sive œquationum determinationes; Keppleri Eclogæ chronicæ; Metii Alcmariani Institut., astronom. Libri 3; Metii Astrolabium; Ephemerides* (das ciências físicas e matemáticas); *Geometria de Graefis; Neri Ars vitraria*, 1668, *Amst.*; *Boyle, de Elasticitate et gravitate aeris*, 1663, *Lond.*; *Boyle, Paradoxa hydrostatica*.

No entanto, assim antes de tudo Spinoza não separou da metafísica o estudo das leis que governam o universo dos corpos, da mesma forma não foi em pura especulação que ele refletiu sobre as várias manifestações da atividade humana. Se ele pretendeu atribuir regras a essa atividade, não era apenas a moralidade, mas também a política, e não foi suficiente para ele determinar a relação do homem com Deus, ele queria, além disso, considerar o homem em suas relações com o estado e como cidadão. Tal é o pensamento dominante do *Tractatus theologico-politicus* e, mais expressamente, o do *Tractatus politicus*. Além disso, na época, no país e no meio do círculo em que ele habitava, como Spinoza poderia ter se desinteressado da política? “Ele frequentava”, escreve Kortholt, “os personagens principais e mais doutos, que o procuravam mais do que ele próprio,

20 Os *Princípios da Filosofia*, Prefácio.

21 No trecho citado usamos a tradução de Carlos Lopes de Mattos, In: *Espinosa*, São Paulo: Abril. Coleção “Os Pensadores”, 1983, p. 45. (nota do tradutor).

e conversavam em sua sociedade sobre os assuntos do estado. Ele se orgulhava de ser político, *politici enim nomen affectabat*, e com seus pensamentos penetrando no porvir, muitas vezes conseguia derrotar as previsões de seus convidados que analisavam os eventos”. Suas leituras, sem dúvida, contribuíram para desenvolver em Spinoza essa sagacidade natural e suas conversas com o Sr. de Witt ou com o Sr. La Cour, e outros políticos holandeses, aparentemente foram menos instrutivas do que seu comércio com Maquiavel, a quem ele próprio chamou *acutissimus Florentinus*, ou mesmo com Thomas Hobbes, de quem se defende suficientemente mal a ponto de adotar seus princípios. Não é sem interesse, então, que passamos pela nomenclatura das obras políticas que ele tinha especialmente em vista e às quais, como tantas luzes esclarecedoras da política, estão entrelaçadas com importantes obras de história: *Opera de Machiavelli*, 1550; *Machiavelli, Basil*; *Hobbes Elementa philosophica*; *Morii Utopia*; *Politicke Discourssen*, 1662, *Leyde*; *Clapmarius de arcanis rerum publicarum libri sex*; *Daniel Mostarts Sendbrief schryver*; *Grotius, de Imperio sumumarum potestatum circa sacra*; *Fabricii Manhemium et Lutrea Cæsarea*; *le Visione poliche*, 1671, *Corona Gothica Hispan.*, 1658; *las Obras de Perez*, 1644; *Arrianus de Exped., Alexandri Magni, Amst.*, 1668, *Julius Caesar*; *Salustius*; *Tacitus cum notis Lipsii, Antverp*, 1607; outra cópia; *Livius*, 1609, *Aureliæ Allobrogum, Flav. Josephus, Basil*, 1540, *Curtius, Justinianus, História de Carlos II* (em holandês).

Alguém estaria naturalmente inclinado a supor que, absorvido nas meditações mais abstrusas da metafísica, ou preocupado com os problemas mais árduos da física e da geometria, Spinoza não devia ter inclinação ao lazer das letras. Seria um erro. Sua inteligência, tão aberta a todas as ciências, não era menos que a todos os tipos de literatura, tanto antigas quanto modernas. Ele possuía, em várias línguas, várias das principais obras-primas, e parece ter se deleitado, às vezes com as páginas sérias e eloquentes dos escritores de prosa, às vezes com a graça dos poetas e com suas ficções brilhantes ou engenhosas. Assim, ele deixaria as cartas de Plínio para tomar as de Cícero, passaria de Homero a Horácio e Virgílio, ou da *Sátira de Petrônio* e dos *Diálogos de Lucien*, às *Metamorfoses* de Ovídio, às *Tragédias* de Sêneca, ora às *Comédias* Plauto, e depois de saborear as páginas de Petrarca sobre *A vida solitária*, ele se deleitaria com as *Poesias* de Gongora, nos *Diálogos de Amor*, de Léon Abarbanel, ou mesmo nos *Baisers* de Jean Second. Aqui, de fato, vale lembrar quais eram, no catálogo elaborado ao acaso por Rieuwerts, as obras literárias contidas na biblioteca de Spinoza: *Virgilius, cum notis variorum*, 1646, *Amstel.*; *Phrases Virgil. et Horat.*; *Virgilius*; *Poesias de Quevedo*, 1661; *Léon Abarbanel, Dialogos de amor*; *Plautus*, 1652; *Ciceronis epistolae*; *Petrarcha, da Vita solitaria*; *Todas las obras de de Gongora, Madri*, 1633; outra cópia; *Comedia famosa del Perez de Montalvan*; *Petronius Arbiter cum comm.*, 1669, *Amstel.*; *Luciani Mortuorum dialogi*; *Pinto Delgado Poema de la Regina Ester*; *Homeri Ilias, graece*; *Bundii Epistolae et Orationes*; *Martialis cum notis Farnabii*; *Plinii secundi Epistolæ cum Panegyrico*; *Ovidius*, 3 vol.; *Ovidii metam. t. II*; *Johannis Secundi opera*. — Se ainda mencionarmos dois livros: *Novellas exemplares de SAVEDRA* (o autor de *Dom Quixote*) e *Voyage d’Espagne*, 1666 (outro título em francês), finalmente teremos fechado esse outro, e talvez o mais longo, inventário dos livros que compunham a biblioteca Spinoza, livros que, no entanto, exigem comentários amplos e sugerem reflexões abundantes! A considerá-los, entra-se no interior da mente de Spinoza, por assim dizer, *apparet domus intus*.

E, para dizer a verdade, se há alguns volumes que estamos um pouco surpresos em encontrar nesta biblioteca, há outros, por outro lado, que estamos surpresos por não encontrar lá. Como pode ser, por exemplo, que nenhum tratado de Platão apareça nele, especialmente, nenhuma obra deste Jordano Bruno, cujas doutrinas sobre a causa, o princípio e o uno (*de la causa, principio et*

Uno), sobre o infinito, o universo e os mundos (*de l'infinito, universo et Mondi*) são tão próximos daqueles que Spinoza assumiu pessoalmente a tarefa de analisar, e aos quais ele mesmo, mais de uma vez, faz alusões diretas? De fato, seria imprudente ou bastante irracional concluir que Spinoza não conhecia outras obras além daquelas que possuía. Pelo contrário, é muito provável que suas leituras e estudos se estendessem muito além dos livros que ele colecionou; e que ele teve que tirar o máximo que pôde de outras bibliotecas que não a sua, inclusive daquelas de seus ilustres amigos. Os livros que acabamos de listar foram, não podemos duvidar, os seus livros familiares e mais usuais.

O que aconteceu com esses volumes e qual foi o destino deles? Os discípulos de Spinoza, em memória de seu mestre, os disputaram com o público geral e, assim, os preservaram da destruição? Alguns desses volumes, se não a maioria, não conteriam anotações análogas àquelas com que Spinoza enriqueceu uma cópia do *Tractatus theologico-politicus* e que foram publicadas pelo Sr. de Murr e o Dr. Dorow? Aparte isso, e se esses volumes não pereceram, não seria desejável recuperá-los? É por isso que entendemos muito bem o desejo que Servaas expressa de que os felizes titulares dos livros de Spinoza, se os houver, não privem o público filosófico das observações que seu primeiro proprietário foi capaz de gravar lá. Mas, enquanto nos associamos a esse desejo, temos poucas esperanças de que algum dia seja preenchido.

Também é necessário, mesmo no que diz respeito aos maiores homens, mostrar respeito até mesmo à superstição, e seria pueril atribuir a umas poucas linhas rabiscadas por eles um valor diferente daquele que é comumente concedido a um autógrafo. Certamente, devemos lamentar eternamente a prudência excessiva que levou Descartes a privar a posteridade de seu *Tratado sobre o mundo*. Mas o que perderíamos, se o Sr. Cousin – a quem tanto devemos por tudo o que diz respeito a Descartes – não encontrasse e publicasse uma nota endereçada por Descartes ao seu relojoeiro? Quanto a Spinoza, o que poderíamos esperar de inédito, que mereceria alguma atenção? Pode ser que daqui e dali colecionemos algumas de suas cartas, as quais certamente seria errado ignorar. Mas, no final, não existe uma lacuna real no trabalho de Spinoza a preencher. No momento, temos e conhecemos de Spinoza e de suas doutrinas tudo o que pode ser tido e tudo o que pode ser conhecido, e, de minha parte, garanto que não há atualmente, entre os modernos, a filosofia cujos documentos são mais completos, ou até tão completos quanto os documentos dessa filosofia irreduzível, que, sob o rígido aparato de fórmulas, permanece uma filosofia viva, onde parece se refletir, com as brumas da Holanda, o céu ardente do leste; filosofia de prestígio, que, dissolvendo de certa forma a personalidade humana, repleta de contradições e baseada em postulados inaceitáveis, mas uma poderosa filosofia, que já seduziu e seduz muitas gerações de pensadores, porque responde a paixão irresistível do homem pela unidade, e que Spinoza estabelece vitoriosamente que existe um, e apenas um, ser necessário, em quem é sozinho verdadeiramente a substância, que pode emendar nossas fraquezas e, libertos de toda ilusão, descansaremos, em plena luz, no nosso amor.

